

O Colégio de Aplicação da Ufrgs e suas precursoras: memórias apagadas (1954-1996)

*The Ufrgs School of Application and its precursors:
memories deleted (1954-1996)*

9

Doris Bittencourt de Almeida*
Valeska Alessandra de Lima**

Resumo: Neste estudo, busca-se historicizar os primeiros tempos do Colégio de Aplicação (CAp/Ufrgs), importante espaço educativo em Porto Alegre/RS, Brasil, considerando seus entrelaçamentos às Faculdades de Filosofia e de Educação, valorizando o papel de Graciema Pacheco (1910-1999) e Isolda Holmer Paes (1911-2002), professoras idealizadoras da instituição na década de 1950. A produção de memórias de instituições de ensino permite que se tecam interconexões entre as diferentes histórias vividas pelos sujeitos em termos políticos, sociais e educacionais, fomentando assim reflexões sobre as condições materiais, nas quais se produziram determinados processos educativos. Duas instituições de ensino imbricadas, ocupando o mesmo prédio por muitos anos, uma formando crianças e adolescentes, a outra formando professores. As relações entre o Colégio de Aplicação e a Faculdade de Educação são fortes, aqueles que frequentaram a Faculdade nos anos 1980 ainda a reconhecem como o “Aplicação”. Atualmente, a “Faced”, expressão que identifica a instituição, constitui-se em um espaço ocupado por jovens e adultos, em que se estuda sobre infâncias, mas quase não se vê por lá crianças. A investigação insere-se no campo de pesquisas da História da Educação e identifica-se com os pressupostos teóricos da História Cultural, corrente historiográfica que valoriza os sujeitos em uma perspectiva que os coloca como partícipes e fazedores da História de seu tempo. Para desenvolver a pesquisa, elegeu-se a memória enquanto documento e, como metodologias, a História Oral e a análise de outros documentos relevantes para um maior entendimento dessas histórias. Em um processo de “escavar camadas” de memórias, entrevistaram-se professores que carregam as trajetórias da Faculdade e do Colégio de Aplicação. Entendemos que a

* Doutora em Educação. Professora no PPGEDU, Ufrgs. *E-mail:* almeida.doris@gmail.com

** Mestranda em Educação no PPGEDU, Ufrgs. *E-mail:* vlima.ckr@gmail.com

produção desses testemunhos se faz necessária para evitar o apagamento das práticas relativas a um tempo e lugar. Portanto, investigar as memórias institucionais é uma forma de reconstruir os processos identitários dessas duas instituições de ensino.

Palavras-chave: História de instituições educativas. Memórias docentes. Formação docente.

Abstract: In this study, we seek to historicize the early days of the School of Application (CAp/Ufrgs), important educational space in Porto Alegre/RS, Brazil, its interlace with the College of Philosophy and of Education, valuing the role of Graciema Pacheco (1910-1999) and Isolda Holmer Paes (1911-2002), idealizing teachers of the institution in the 1950's . The production of memories of educational institutions allows to weave interconnections in the different stories lived by the subjects in political, social and educational terms, encouraging reflections on the material conditions in which was produced specific educational processes. Two intertwined educational institutions, occupying the same building for many years, one forming children and adolescents, the other forming teachers. The relationships between the School of Application and the College of Education are strong, those who attended the College in the 1980's yet recognize it as the "Application" . Currently, the "FACED", an expression that identifies the institution, is in a building occupied by young people and adults, in which we study about childhood, but hardly see there children in space. The research is part of the field of History of Education and identifies with the theoretical assumptions of Cultural History, historiographical chain that values the subject from a perspective that puts them as participants and makers of history of their own time. To develop research, was elected the memory as document and as methodologies, oral history and analysis of other documents relevant to a greater understanding of these stories. In a process of excavating layers of memories, if-interviewed teachers who carry the trajectories of the College and the School of Application. We understand that the production of such evidence is necessary to prevent the erasure of practice for a time and place. Therefore, to investigate the institutional memories is a way to reconstruct the identity processes of these two educational institutions.

Keywords: History of educational institutions. Teachers memories. Teacher training.

De onde partimos

Neste estudo,¹ o que nos move é buscar historicizar os primeiros tempos do Colégio de Aplicação (CAp/Ufrgs), importante espaço educativo em Porto Alegre/RS, considerando seus entrelaçamentos às Faculdades de Filosofia e de Educação, valorizando o papel de Graciema Pachedo (1910-1999) e Isolda Holmer Paes (1911-2002), professoras idealizadoras da instituição na década de 1950.

O estudo em questão insere-se no campo de investigações da História da Educação, sendo esta um componente fundamental da história das práticas culturais. A pesquisa identifica-se com pressupostos teóricos da História Cultural, corrente historiográfica que se distancia da história de cunho tradicional, valoriza os sujeitos em uma perspectiva que os coloca como partícipes e fazedores da História de seu tempo e promove a exploração de experiências de homens e mulheres, por vezes esquecidos pelas abordagens historiográficas. Nóvoa (2005) atribui importância à produção de um outro conhecimento histórico no domínio educativo, que não se limite a uma história meramente institucional, cronológica, estática e unidimensional, por não apreender a complexidade do mundo social e educativo. A História Cultural rejeita uma História da Educação apenas centrada nos fatos tidos como notáveis, que desconsidera a atuação dos diferentes atores sociais.

Fomos interpeladas por diferentes questões. Começamos a perceber o quanto as alunas do curso de Pedagogia da Ufrgs desconhecem a história de sua Faculdade e se surpreendem ao tomar conhecimento de que, em outros tempos, o prédio em que estudam também era ocupado por crianças e adolescentes do Colégio de Aplicação. Da mesma forma, alunos, funcionários e professores do CAp talvez pouco saibam ou ignorem o papel de suas fundadoras, que, em 1954, projetaram uma escola de vanguarda.

Dois instituições de ensino imbricadas, ocupando o mesmo prédio por muitos anos, uma formando crianças e adolescentes, a outra formando professores. As relações entre o Colégio de Aplicação e a Faculdade de Educação são fortes; aqueles que frequentaram a Faculdade nos anos 1980 ainda a reconhecem como o “Aplicação”. Atualmente, a “Faced”, sigla que a identifica, constitui-se em um espaço ocupado por jovens e

¹ O estudo faz parte do Projeto de Pesquisa “Memórias e Histórias da FACED”, coordenado pela prof^a. Dóris Bittencourt Almeida (PPGEdu/Faced/Ufrgs)

adultos, em que se estuda sobre infâncias, mas quase não se vê por lá crianças, exceto na brinquedoteca,² que se localiza no andar térreo.

Para desenvolver a pesquisa, elegeu-se a memória enquanto documento e, como metodologias, a História Oral e a análise de outros documentos relevantes para um maior entendimento dessas histórias, apresentados na sequência do texto. Em um processo de escavar camadas de memórias, entrevistaram-se professores da Faculdade da Educação³ que carregam as trajetórias da Faculdade e do Colégio de Aplicação. Entendemos que a produção desses testemunhos se faz necessária para evitar o apagamento das práticas relativas a um tempo e lugar. Portanto, investigar as memórias institucionais é uma forma de reconstruir os processos identitários dessas duas instituições de ensino.

A memória, que é labiríntica e movediça, fundamentalmente complexa, ainda guarda certa marginalidade enquanto documento histórico, justamente por não admitir certezas irrefutáveis. Esse caráter marginal também atinge a História Oral. Entretanto, Prins (1992) é um dos autores que defendem essa metodologia como uma possibilidade de reconstruir a vida de pessoas comuns e de buscar uma compreensão mais fecunda da própria história oficial. Também enfatiza que a documentação oral não tem um caráter suplementar aos documentos escritos e que, da mesma forma, seus historiadores não desenvolvem uma “arte menor.” (p. 194). Sabe-se que, ao investigar memórias de sujeitos, se entra em *terrenos movediços*, em que nada parece estável, tudo se transforma continuamente. As memórias, vale a pena insistir, não são lineares, pois o tempo passado se confunde e se mistura com os acontecimentos presentes.

Há que se considerar que, no documento oral, trabalha-se com a interação da narrativa, da imaginação e da subjetividade. A fala é suscetível às vicissitudes de cada momento; todavia, não significa que a memória seja intangível, ao contrário, permite a aproximação de verdades que se quer produzir sobre o vivido. E guarda o mérito de trazer à tona nuances do passado, que podem estar esquecidas e que, por vezes, se encontram inatingíveis em outras formas de documentação, além de

² Programa de Extensão Universitária “Quem quer brincar?” Maiores informações: <http://www.ufrgs.br/faced/extensao/brincar/>.

³ Foram realizadas 14 entrevistas entre 2010 e 2013, abordando questões relacionadas à trajetória, à formação, às vivências no Ensino Superior, trabalho desenvolvido no Colégio e/ou na Faculdade de Educação.

dar visibilidade aos sujeitos na construção da história. Interessa, pois, o fio narrativo que cada depoente escolhe para contar sua história.

A partir das entrevistas desenvolvidas, foi possível acercarmos-nos de Graciema Pacheco e Isolda Holmer Paes, fundadoras do CAP. Entretanto, para conhecê-las melhor e buscar compreender como suas trajetórias se atrelaram à constituição desse Colégio, foi necessário pesquisar em outras fontes⁴, tais como entrevistas concedidas por elas a outros pesquisadores, seus escritos, biografias e reportagens de jornais, que mostram um pouco dessas mulheres e de suas implicações com a história do estabelecimento.

As Precursoras do Colégio: trajetórias

O que sabemos sobre Graciema Pacheco e Isolda Paes? Que documentos contam suas histórias? Foram mulheres à frente de seu tempo, empreendedoras, projetaram uma instituição de ensino que pouco lembrava as escolas tradicionais da época. Através da documentação encontrada, foi possível reconstruir uma imagem das duas, especialmente considerando seus estudos, suas viagens, pessoas que as influenciaram e leituras que fizeram. Tudo isso constitui o repertório intelectual das professoras, o qual tem implicações profundas na concepção do Colégio de Aplicação e nas ações educativas desenvolvidas por elas e que se seguiram por décadas.

Graciema Pacheco é natural de Porto Alegre; desde muito jovem, interessou-se em estudar os temas relacionados à educação. Enquanto aluna da Escola Complementar,⁵ entre 1926 e 1928, teve os primeiros contatos com as ideias de *Édouard Claparède* e Edward Lee Thorndike, através de suas professoras, especialmente, Natércia Cunha Veloso e Olga Acauan Gayer,⁶ que ministravam as disciplinas de Psicologia e Pedagogia, respectivamente. A primeira foi quem lhe apresentou o livro de 1890,

⁴ Pacheco (1974); Vasconcelos (1996); Hackmann (2004) e Gomes (2003).

⁵ Nos anos 1920, a Escola Normal era denominada Escola Complementar e tinha suas instalações na esquina das ruas Marechal Floriano Peixoto e Duque da Caxias.

⁶ Natércia Cunha Velloso, poetisa, membro da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul e professora regente das disciplinas de Psicologia e Direito Pátrio no curso Complementar, a partir de 1925 (GOMES, 2003). Olga Acauan Gayer foi regente da cadeira de Pedagogia na Escola Complementar, cargo que ocupou simultaneamente com a função de diretora geral da Instrução Pública do estado e, juntamente com Branca Diva Pereira de Souza, publicou o primeiro livro *Queres ler?*, obra didática adaptada de obra original uruguaia. (Trindade, 2004).

“Princípios de Psicologia” de William James⁷ e foi nas aulas de Olga que conheceu Thorndike,⁸ “ela me deu para ler Thorndike em quatro volumes em inglês. Essa professora...” (GOMES, 2003).⁹ Graciema lamenta que o currículo da Escola Complementar, naquele tempo, contemplasse apenas uma disciplina de Psicologia. E, em relação à metodologia das aulas, diz que as professoras “não davam bibliografia, entende, elas ditavam os pontos.” (GOMES, 2003).

Na entrevista concedida a William B. Gomes, Graciema Pacheco falou sobre sua formação e trajetória vivida, mas sua narrativa foi além dos aspectos pessoais, acrescentou informações relevantes referentes à História da Educação no Rio Grande do Sul e no Brasil, especialmente a difusão das ideias de Piaget e o desenvolvimento da Psicologia atrelada à dinâmica escolar e aos cursos de formação docente. Explicou que, no final dos anos 1920, em Belo Horizonte, houve um movimento de renovação dos conhecimentos da educação,¹⁰ “trouxeram uma equipe da Europa, para dar esse impulso na educação [...]. E daí veio o grupo do Piaget, da Suíça, da França, veio um grupo de personalidades de muita evidência. E aí foi um foco que irradiou para todo país.” (GOMES, 2003).

Para além desse curso de aperfeiçoamento, havia outra possibilidade de formação continuada, eram os Estudos Avançados, em Montevideo. Graciema lembrou mais uma vez da professora Olga Acauan que participou desses estudos; destacou que “Montevideo era um centro de primeira categoria em matéria de ciências, educação, cultura em geral, era um centro cultural muito importante”. (GOMES, 2003).

A futura diretora do Colégio de Aplicação, na década de 1930, frequentou o Curso de Aperfeiçoamento em Educação que havia sido

⁷ William James (1842-1910), psicólogo norte americano, escreveu sobre psicologia humana e é considerado o “pai” do pragmatismo. Disponível em: <<http://psychology.about.com/od/profilesofmajorthinkers/p/jamesbio.htm>>.

⁸ Edward Lee Thorndike (1874-1949), sob orientação de William James, pesquisou a aprendizagem infantil e influenciou a prática de muitos professores. Disponível em: <<http://penta.ufrgs.br/~jairo/1thorn1.htm>>

⁹ Entrevista realizada em 1991 por Willian Barbosa Gomes, do Instituto de Psicologia da Ufrgs. Projeto Museu Virtual de Psicologia publicação eletrônica de 2003.

¹⁰ Na década de 1920, foi criado o Laboratório de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento Pedagógico, em Belo Horizonte, com o objetivo de melhorar o ensino escolar e foi dirigido por Helena Antipoff até 1946. Recebeu educadores ilustres como Claparède e Piaget. (Vasconcelos, 1996).

trazido ao Estado do Rio Grande do Sul por incentivo do secretário de Educação.¹¹ Olga Acauan foi sua professora também neste curso.

Impossível saber de todas as leituras feitas por Graciema, mas, a partir de suas narrativas, é possível uma construção de um quadro parcial do que lia, considerando aquilo que pontuou na entrevista. Na ocasião, rememorou livros e autores, comentou o modo como lia e explicou como adquiria livros e revistas científicas.

As primeiras obras mencionadas são do tempo da Escola Complementar, *Princípios de Psicologia* de William James, disse, com orgulho, ainda possuir o livro em sua casa. Sobre a leitura de Thorndike:

Olha, eu, me deu muito trabalho para ler, né, porque ter que ler em inglês! Mas me marcou bastante porque, sabe como é, é muito, muitas experiências importantes que ele fez. Que convenciam, não é, pelo menos da significação daquele trabalho que ele pesquisava. [...] para mim, por exemplo, foi uma novidade, porque eu não tinha tido oportunidade de ter contato com um autor assim, desse tipo de trabalho. (GOMES, 2003,).

Aspecto importante é este que se refere ao acesso às leituras de pensadores estrangeiros. Segundo a professora, havia duas grandes livrarias em Porto Alegre: a Livraria do Globo e a Livraria Americana. Nas duas, era possível fazer encomendas do Exterior, então eram feitos os pedidos à Argentina e a diferentes países da Europa, principalmente a França, “então tive a oportunidade de adquirir as obras que eu achava que me interessava. E eu separei aqui, da Europa, muitas... por exemplo, Decroly...” (GOMES, 2003).

Graciema fez um destaque à Livraria do Globo por manter os catálogos atualizados, o que permitia identificar as publicações. Além de livros, buscava estar a par das novidades também por meio de assinatura de revistas científicas. No dia da entrevista, levou algumas para o entrevistador, mostrou um exemplar da revista *Genetic Psychology*, de 1946. Explicou que costumava encaderná-las para melhor organização e preservação ao longo do tempo, “revistas sempre me agradaram muito!

¹¹ José Pereira Coelho de Souza, secretário de Educação, de 1938 a 1945.

Eu sempre procurava me atualizar, não é, ficar em dia com as coisas, como estavam acontecendo, quanto era meu alcance”. (GOMES, 2003).

Na sequência, discorreu acerca de pensadores com quem se identificou, destacou o significado de Decroly e Claparède, o primeiro segundo ela, “foi uma epidemia aqui, teve muita aceitação, porque ele preconizava o ensino por meio de centro de interesses, e isso foi uma ideia que se espalhou com muita facilidade aqui no nosso meio”. (GOMES, 2003). Recordou dos testes de inteligência, “nós trabalhamos com as escalas, com Binet-Simon, depois com outros testes, de escalas métricas, várias, com seus fundamentos”. (GOMES, 2003).

Sobre Claparède, enfatizou a importância da tradução em Língua Portuguesa da obra “psicologia da criança”.¹² Falando em Piaget, disse que, talvez, a primeira obra que tenha chegado em Porto Alegre tenha sido a *Evolução da Linguagem*, “eu acho que tenho todas as publicações do Piaget, algumas não estão comigo porque eu emprestei para umas professoras, mas eu consegui ir comprando à medida que ele ia publicando na Europa, essas duas livrarias se encarregavam de nos trazer”. (GOMES, 2003).

Diante do exposto, estima-se que, embora houvessem lugares capacitados para promover a difusão dos livros europeus em Porto Alegre, eram poucos aqueles com efetivas condições econômicas para comprá-los. Além da questão econômica, há que se considerar o capital cultural e o conhecimento, ao menos das línguas espanhola e francesa, condições que predispunham o leitor a buscar uma literatura de vanguarda, pouco acessível à maioria das pessoas nas décadas passadas.

Pensando na circularidade da leitura, não mencionou, por exemplo, a frequência a bibliotecas nas quais pudesse encontrar aquilo que desejava ler. Também não parece ter sido um hábito seu pedir livros emprestados, valorizou o ato de comprá-los; todavia, fez questão de dizer que cedia muitos deles e, não raro, nunca retornaram a ela. É possível que Graciema, assim como outras professoras, compradoras dos livros vindos pelas livrarias do Globo e Americana, tenham colaborado para construir uma rede de leitores sobre temáticas educacionais, estimulando a prática de troca de livros sobre educação, na cidade de Porto Alegre.

¹² A primeira edição do livro é de 1905, e a tradução para a Língua Portuguesa é de 1934. (HAMELINE; PETRAGLIA, 2010).

Questionada sobre os motivos de não ter escrito livros, nem ter feito traduções, respondeu, “não tive essa oportunidade. Não havia espaço na minha programação. Sempre ficava para depois, vou escrever, vou escrever, me aposentei, em vez de escrever não escrevi também”. (GOMES, 2003). Isso nos faz pensar que aquele talvez fosse um tempo em que as professoras, se dedicassem mais às ações educativas do que à escrita acadêmica.

“Da Escola Complementar eu fui exercer o magistério”, explicou. (GOMES, 2003). No início dos anos 1930, trabalhou com alfabetização na rede estadual de ensino. Contou que, em certa ocasião, uma técnica da Secretaria de Educação, ao vê-la aplicar o teste ABC de Lourenço Filho,¹³ convidou-a para trabalhar como assistente técnico do Centro de Pesquisa e Orientação Educacional (CPOE)¹⁴ da Secretaria de Educação do Estado, onde ficou até 1946. Chegou a ocupar o cargo de diretora do “CPOE/RS em períodos intercalados nos anos de 1943, 1945 e 1946”. (QUADROS, 2006, p. 44).

Em 1942, ingressou em uma das primeiras turmas do curso de Filosofia da Universidade do Rio Grande do Sul e, no final, foi convidada para lecionar Didática no curso de Pedagogia da mesma Faculdade. Inicialmente, resistiu à cátedra, pois vinha se dedicando aos estudos da Psicologia até que, finalmente, “[...] decidi que trabalharia com uma didática psicológica.¹⁵ Nessa disciplina, incluiu Piaget entre outros autores da Psicologia”. (VASCONCELOS, 1996, p. 189).

Ao ser indagada sobre quando teria sido a primeira vez que ouviu falar em Piaget, respondeu enfaticamente “Do Piaget? Fui eu que falei a primeira vez nele!” (GOMES, 2003). A professora o considerava um “conhecimento obrigatório” para aqueles que estudavam Psicologia e Educação. Assim, percebe aproximações entre Piaget e o movimento da Escola Nova, esta, em sua concepção, permitiu o ingresso das ideias do pensador no Brasil. Avalia que, desde os anos 1920, o pensamento piagetiano, de alguma forma, já se fazia presente nas discussões educacionais. Entretanto, “não era um estudo de suas ideias, mas a menção a alguns preceitos que poderiam ser deduzidos da sua teoria”. (VASCONCELLOS, 1996, p. 9). E Graciema prosseguiu:

¹³ Sobre Testes ABC de Lourenço Filho, ver Silva e Schelbauer (2007).

¹⁴ Sobre o CPOE ver Quadros (2006).

¹⁵ A expressão *Didática psicológica*, era usado pela professora Graciema Pacheco na tentativa de aliar seus conhecimentos de Psicologia à cátedra de Didática (GOMES, 2003).

Desde que entrei em contato com seus trabalhos, me pareceu imprescindível a sua teoria. Se não houvesse um aproveitamento dessas contribuições, não se estaria sendo sério em matéria de educação. Eu penso assim porque as teorias de Piaget são consistentes e comprovadas. Era uma teoria que convencia. Embora sua obra não se referisse prioritariamente à educação, ele sempre se preocupou com a educação e publicou muitos textos sobre o assunto. (VASCONCELOS, 1996, p. 188-189).

De acordo com Vasconcelos (1996), Graciema Pacheco era, na década de 1940, em Porto Alegre, a maior simpatizante das ideias de Piaget e levava para a sala de aula livros do autor em francês.

Do mesmo modo que Graciema Pacheco, Isolda Paes deixou raros registros sobre as concepções pedagógicas que nortearam seu trabalho, e pouco sabemos sobre sua trajetória. Localizamos na *Revista Educação & Realidade* da Faced/Ufrgs (1983) e na *revista Cadernos do CAp* (1994 e 2004) algumas transcrições de palestras proferidas por ela em decorrência das comemorações de aniversário do colégio. Estes relatos são marcados pelo saudosismo de um tempo em que, segundo Isolda, a educação desafiava o potencial criador de professores e alunos, proporcionando inovações pedagógicas que constantemente provocavam o corpo docente. (PAES, 1994). Contudo, o principal documento utilizado para conseguir uma aproximação das memórias desta professora, foi o livro de Berenice Gonçalves Hackmann (2004) no qual apresenta múltiplas faces de Isolda Holmer Paes, bem como de outras educadoras rio-grandenses.

Natural do Município de Taquara/RS, atribuiu, em suas narrativas, especial importância à mãe e ao esposo na construção da educadora que se tornou. O desejo de “aprender para ensinar” foi legado de sua mãe que sempre falava aos filhos sobre a importância de ampliar seus conhecimentos para melhor ensinar. Ainda na infância, teve o primeiro contato com a língua francesa e, desde então, “teve paixão pela França”. (HACKMANN, 2004, p. 125). Mais tarde, se tornou estudiosa da cultura francesa, recebendo em 1955, a distinção *Officier d'Académie*,¹⁶ título concedido pelo governo da França por serviços prestados à cultura

¹⁶ As *Palmes Académiques* são distinções concedidas a personalidades de todo o mundo, que tenham prestado serviços relevantes à educação francesa ou contribuído ativamente com a expansão da cultura francesa no mundo.

francesa” (p.141), além de realizar várias viagens ao país para estudar questões relativas à educação.

Pela biografia de Isolda, traçada por Hackmann (2004), é possível perceber que cursar a Escola Normal havia sido seu objetivo na juventude, porém, na cidade em que vivia apenas era oferecida a escola primária. Assim, precisou adiar suas aspirações.

A educadora que me tornei mais tarde foi-se configurando, no dia a dia, ao longo dos anos. Não nasci educadora [...] Mas creio que foi na escola e no lar, ainda na infância, que meu destino humano foi se delineando, independente de minha participação consciente para configurar-se entre os 25 e 30 anos [...]. (HACKMANN, 2004, p. 124).

Aos dezenove anos, conheceu Elpídio Ferreira Paes, advogado, formado pela Faculdade Livre de Direito, da Universidade de Porto Alegre. Com ele, casou em 1930 e, no ano seguinte, passou a morar em Porto Alegre. Elpídio foi professor no Ginásio Nossa Senhora do Rosário, no Colégio Júlio de Castilhos e nas Faculdades de Direito da Universidade de Porto Alegre e Católica. O exercício do magistério e a dedicação ao estudo influenciaram o futuro de Isolda como educadora. Em suas palavras, o marido “era um autêntico educador. [...] E ele acreditou que ao seu lado existia alguém com muitas potencialidades.” (HACKMANN, 2004, p. 124), o que, aparentemente, fez com que percebesse que precisava estudar para melhorar sua atuação no “vasto e ilimitado espaço cultural” (p. 125) no qual estava inserida.

No início da década de 1940, incentivada pelo esposo, retomou os estudos no Ginásio Anchieta e, posteriormente, no Colégio Sevigné. Todavia, a desejada Escola Normal ficou para trás. Prestou vestibular para o curso de Letras Neolatinas na Universidade de Porto Alegre, obtendo primeiro lugar na classificação geral e do curso. Ao encerrar o Ensino Superior, em 1947, recebeu dois convites, um para ser a primeira assistente de Graciema Pacheco na cátedra de Didática Geral e Especial e outro para lecionar a disciplina de Didática Especial de Francês, no curso de Letras, (HACKMANN, 2004). Embora tivesse apreço pela língua francesa, optou por iniciar sua trajetória docente ao lado de Graciema, acabando por ocupar, a partir de 1954, o cargo de vice-diretora, até 1972. A direção do ginásio ficou sob a responsabilidade de Graciema até 1981.

A constituição do Colégio de Aplicação

Não há como falar da história do Colégio de Aplicação sem relacioná-lo à história da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Os pilares da atual Ufrgs e, conseqüentemente, do Ensino Superior no estado, começaram a ser erguidos no final do século XIX e início do século XX, quando vários cursos de Ensino Superior despontaram no cenário de Porto Alegre. Essas faculdades foram integradas, em 1934, com a criação da Universidade de Porto Alegre.¹⁷ A seguir, houve a instalação da Faculdade de Educação, Ciências e Letras (1936)¹⁸ que contemplava, entre outros, o curso de Pedagogia a partir de 1943, quando já era denominada Faculdade de Filosofia.

Inicialmente, as aulas da Faculdade foram ministradas na Faculdade de Direito e, em 1954, transferidas para um prédio erguido especialmente para abrigar Faculdade de Educação, Ciências e Letras e o Colégio de Aplicação que, naquele mesmo ano, iniciava suas atividades no *campus* da universidade. Hoje este prédio, nomeado Anexo I e II da Reitoria, não tem uma identidade definida, ali acontecem aulas de diferentes cursos e também é ocupado por alguns departamentos administrativos.

Para entender as condições que promoveram a idealização do CAP em Porto Alegre, é preciso retroceder um pouco no tempo e identificar as políticas públicas que promoveram uma significativa mudança no cenário educacional do Ensino Superior.

Até fins dos anos 1930, os cursos ministrados pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras da Universidade de Porto Alegre não possuíam distinção entre Bacharelado e Licenciatura. Entretanto, o Decreto Federal 1.190 de 04/04/1939,¹⁹ alterou o nome da Faculdade

¹⁷ Decreto Estadual 5.758 (28/11/1934). Em 1947, a Universidade de Porto Alegre passou a denominar-se Universidade do Rio Grande do Sul até a federalização (Lei Federal 1.254, 04/12/1950), em 1950, quando adotou o nome atual, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs).

¹⁸ O Decreto Estadual nº 6.194 (30/03/1936), criou a Faculdade de Educação, Ciências e Letras com oito cursos de três anos de duração: Matemática, Ciências Físicas, Ciências Químicas, História Natural, Filosofia, Filologia, Educação, Geografia e História.

¹⁹ O Decreto Federal 1.190 (04/04/1939), extinguiu as Faculdades de Educação, Ciências e Letras do país e criou a Faculdade Nacional de Filosofia no Rio de Janeiro que objetivava orientar

de Educação, Ciências e Letras para Faculdade de Filosofia e ampliou seu regime didático, com oferta do diploma de licenciado. Deste modo, o diploma de licenciatura seria concedido após um quarto ano de estudos dedicados à formação didática (teórica e prática), incluindo aulas de Psicologia Aplicada à Educação, “era o modelo 3 em 1, ou seja, três anos de bacharelado e um ano pra formação pedagógica [...]” (FIGUEIRA, 2012).²⁰ Aqueles que não conseguissem satisfazer as exigências do quarto ano, receberiam apenas o diploma de bacharelado.

No cenário educacional, a criação dos Colégios de Aplicação ocorreu após o Decreto Lei 9.053/46 estabelecer que as Faculdades de Filosofia, em atividade, constituíssem no prazo de um ano, um Ginásio de Aplicação com a finalidade de proporcionar a prática docente aos alunos matriculados nos cursos de licenciatura.

A direção da Faculdade de Filosofia, juntamente com a Secção de Didática, propôs ao reitor a criação do Ginásio de Aplicação, nos termos da lei. Uma comissão formada por Graciema Pacheco, Isolda Holmer Paes e Leonardo Tochtrop foi designada para estudar sua implantação. (REGNER, 1993). Estes professores pensavam em possíveis modificações na abordagem dos conteúdos, acreditavam segundo Isolda, que “a escola estava exaurida, era uma escola cansada. Ela repetia ano após ano, sempre as mesmas experiências com os alunos [...]”. (PAES, 1994, p. 17).

Diante do novo desafio, os três professores elaboraram o regulamento do Ginásio que tinha por finalidades: “ministrar o ensino secundário a seus alunos; servir à prática docente e aos estágios dos alunos do curso de Licenciatura; servir de campo de investigação pedagógica para a Faculdade de Filosofia”. (REGNER, 1993, p. 33). De acordo com Loureiro (2009), apenas duas Faculdades cumpriram o prazo dado pelo decreto, a Universidade do Brasil (1948) e a Universidade da Bahia (1949).²¹ Cinco anos mais tarde, em 1954, outros dois ginásios foram instalados, um na Universidade de Minas Gerais e outro na Universidade do Rio

a formação de professores nacionalmente. O Decreto-lei 12.386 (11/05/1943) originou os cursos de Letras Clássicas, Letras Neolatinas, Letras Anglo-germânicas, Pedagogia e Didática.

²⁰ Aos nomes dos 14 entrevistados pelo Projeto Memórias e Histórias da Faced, foram atribuídos pseudônimos de árvores. A inspiração é fato de o prédio da Faced ser rodeado de árvores típicas do RS, considerando as que existem no *Campus* Central da Ufrgs e também no Parque Farroupilha, em seu entorno.

²¹ Atuais, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Universidade Federal da Bahia (UFBA), respectivamente.

Grande do Sul. Estavam assentadas as bases do Colégio de Aplicação que contava com o apoio do diretor da Faculdade de Filosofia, professor Luiz Pilla e do reitor da Universidade, Elyseu Paglioli.

À frente do colégio estavam as professoras Graciema Pacheco e Isolda Holmer Paes. A vice-diretora, Isolda Paes, conta que “foi na sala 301 da antiga Faculdade de Filosofia onde nasceu o Colégio de Aplicação [...]” (PAES, 1983, p.75), em 1954. Na ocasião, trinta alunos de ambos os sexos, que não foram aprovados no Exame de Admissão ao Ginásio do Instituto de Educação General Flores da Cunha e do Colégio Estadual Júlio de Castilhos, preencheram voluntariamente as vagas para a primeira turma. (PAES, 1983).

E quem eram os alunos do Aplicação? Uma professora da Faculdade, ex-aluna do CAP, afirma que os discentes vinham de uma determinada elite intelectual de Porto Alegre, muitas vezes provenientes de escolas particulares. Em suas palavras, “era a elite, da elite, da elite. A maioria que passava era filho de professor universitário, porque estudar no CAP era o pedigree do pedigree”. (MIMO DE VÊNUS, 2012). O ingresso se dava por prova de conhecimentos, em que apenas os melhores eram classificados. Atualmente, a prática de seleção para ser aluno do Colégio é sorteio, adotado a partir de 1982, um ano após a aposentadoria da professora Graciema.

Nos dois primeiros anos após a implantação do colégio, as turmas de primeira e segunda séries do Curso Ginásial,²² dividiram com alunos e professores da Faculdade de Filosofia os mesmos horários e espaços. Embora o Colégio tenha sido idealizado pela Faculdade, é possível perceber pelos escritos da vice-diretora, Isolda, o quão conflituoso foi este período, pois,

[...] enquanto as crianças explodiam em criatividade e saudável alegria, os austeros professores da Faculdade de Filosofia, iam organizando o coro da insatisfação: “criança não anda de elevador; a Faculdade não é lugar para criança; descem escadas correndo e barulhando... pulam no terraço (faziam ginástica no terraço) e perturbam as aulas do 3º andar”. Veio a campanha do silêncio nas escadas [...] só podiam voltar aos risos e brincadeiras, depois que atravessassem a rua, já na ‘pracinha’ do Instituto de Educação. (PAES, 1983, p. 78).

²²Equivalente, hoje, ao 7º ano do Ensino Fundamental de 9 anos, antiga 6ª série do Ensino Fundamental.

Tais problemas gerados pela presença de crianças em um lugar prioritariamente adulto, fizeram com que as diretoras procurassem alternativas, pois não poderiam “sufocar tantas explosões de vida”. (PAES, 1983, p. 78). De acordo com Isolda, havia no pátio da Universidade um galpão utilizado para guardar materiais de manutenção, que passou a ser cuidadosamente observado por elas. Procurando proporcionar maior liberdade e espaço para os alunos, investiram tempo na realização de projetos para transformar aquele galpão em um ambiente minimamente adequado às necessidades do colégio. A ideia inusitada foi aceita pelo então reitor Elyseu Paglioli.²³ Nos meses seguintes, o lugar foi adaptado para receber as turmas, sendo inaugurado em 1956.

Enquanto os primeiros meses de aula transcorriam naquele galpão, o então diretor da Faculdade, professor Luiz Pilla, tratou com a Prefeitura de Porto Alegre a construção de dois pavilhões de madeira, ao estilo “Brizoletas”.²⁴ O colégio permaneceu nestes pavilhões até a conclusão de um novo prédio que, na década de 1960 começou a ser erguido pelo Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (Inep).²⁵

De acordo com Bastos (2006), no final de 1959 a Universidade e o Inep firmaram um acordo para a manutenção do Centro Regional de Pesquisas Educacionais (CRPE), que estaria integrado ao Departamento de Educação da Faculdade de Filosofia e ao Colégio de Aplicação. Em entrevista, um antigo professor lembra que,

em 1964, esse prédio estava sendo concluído para funcionar o INEP [...]. Seria uma agência do INEP [...]. Isso nunca aconteceu [...]. Naquela época veio para cá o Colégio de Aplicação que estava numas casinhas, tipo do Brizola [...] atrás da rádio, vários pavilhõezinhos [...]. (ARAUCÁRIA, 2011)

²³ Gestão de 13/8/1952 a 12/4/1964

²⁴ Durante o governo de Leonel Brizola no Estado (1959-1963), o projeto educacional “Nenhuma criança sem escola no Rio Grande do Sul” construiu prédios escolares que ficaram conhecidos como Brizoletas. (QUADROS, 2003).

²⁵ O INEP possuiu diferentes nomes desde sua criação: Instituto Nacional de Pedagogia (1937), Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (1938), Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (1972) e Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (2001) em reconhecimento aos anos que o professor Anísio Teixeira esteve à frente do Instituto, proporcionando expansão e desenvolvimento da pesquisa educacional.

Após o término da obra, no final da década de 1960, o Colégio de Aplicação para lá foi transferido. A edificação diferencia-se das demais do Campus Central por sua concepção arquitetônica arrojada. Um prédio verticalizado, imponente, com nove andares, formato retangular e muitas janelas que lhe conferem leveza. Mas será que eram instalações propícias a um colégio?

Em setembro de 1970, por força das reformas educacionais²⁶ que estavam sendo realizadas no Brasil, foi criada a Faculdade de Educação da Ufrgs, oriunda da Faculdade de Filosofia.²⁷ A nova unidade foi instalada no prédio que era ocupado pelo Colégio de Aplicação. Até o quinto andar, era utilizado pelo CAP e os últimos andares, do sexto ao nono, foram destinados à Faculdade.²⁸

A permanência de crianças em um espaço predominantemente adulto parece nunca ter sido tranquila, pois, pelos relatos dos entrevistados, é possível perceber que, mais uma vez, havia certa tensão nas relações interpessoais. Professores e alunos da Faculdade de Educação esperavam que as crianças tivessem “[...] um comportamento de adulto, isso aqui é uma universidade, [...] é a casa do saber, e essas crianças fazem barulho.” (ARAUCÁRIA, 2011).

Parece-nos que as pessoas no ambiente universitário não estavam dispostas a dividir o *seu* espaço. Esse fato já era uma recorrência desde a década de 1950, evidenciado nessa fala: “[...] a Faculdade não [era] lugar para criança”. (Paes, 1983, p. 78). Outro entrevistado destaca que “[...] eram duas famílias morando que [...] entre tapas e beijos, conviveram durante muitos anos.” (PALMEIRA, 2011).

Importa dizer que a própria manutenção do colégio foi questionada nos anos 1980 pela Reitoria da Universidade, tendo em vista que os estágios²⁹ das licenciaturas não eram mais realizados exclusivamente nas suas dependências do colégio. Balduino Andreola defendeu a permanência do Cap, afirmando “que o colégio já tinha uma trajetória de inserção própria, na Universidade e na comunidade, o que lhe conferia

²⁶ Reforma Universitária de 1968, Lei 5.540 (28/11/68).

²⁷ A Faculdade de Filosofia, com a Reforma Universitária de 1968, teve seus 11 cursos desmembrados.

²⁸ A ideia original de ocupação do prédio foi alterada, e os órgãos do Inep foram alocados na rua Washington Luiz. (Araucária, 2011).

²⁹ Na década de 1980, com a mudança no currículo e nas habilitações do curso de Pedagogia, o estágio curricular poderia ser realizado em escolas das redes municipal e estadual de ensino.

uma nova identidade [...]” (BORDAS; ANDREOLA, 2010, p. 303). Depois de tantos anos de constantes disputas, com atritos envolvendo diferentes gerações, em 1996, o CAP ganhou uma sede única localizada no Campus do Vale da Ufrgs, no Bairro Agronomia, lugar distante da zona central de Porto Alegre.

Concepções e práticas pedagógicas do CAP

Desde 1947, os professores da cátedra de Didática Geral e Específica estavam pesquisando sobre a problemática da educação brasileira, pois havia

[...] muitas dúvidas e certas dificuldades provindas das alegações que eram correntes em nosso meio pedagógico. De outro lado tínhamos que ‘ensinar a fazer’ e gostaríamos de ‘fazer primeiro’ para depois ‘ensinar a fazer’. Queríamos ter esta autoridade de poder justificar as coisas porque nós já as tivéssemos realizado. Este foi um ponto muito importante nas nossas constatações. (Pacheco, 1974, p. 19).

Assim, em 1954, com apoio da Faculdade de Filosofia e da Reitoria da Universidade, foi implantado o Colégio de Aplicação. Esse grupo de professores queria mostrar aos licenciandos um modo diferente de ensinar em sala de aula e, para isso, precisariam colocar em prática suas teorias. Para Isolda Paes, o CAP era “uma fonte inesgotável de criatividade” (HACKMANN, 2004, p. 127), fortemente embasado nos ideais difundidos por Anísio Teixeira e nas ideias pedagógicas que pretendiam revitalizar o ensino brasileiro. (SQUINSANI, 2000).

Ao menos nos primeiros tempos do Colégio de Aplicação, a referência parece ter sido o pensamento de Piaget. É assim que a professora Graciema avalia:

Foram muitos alunos e professores que ouviram falar de Piaget durante todos esses anos, tanto no Colégio de Aplicação quanto na Universidade. Hoje, nas duas instituições, Piaget é muito mais presente. Existem pesquisas na área de matemática e em outras áreas, onde só se fala de Piaget. Hoje eu vejo com muita simpatia os trabalhos que são feitos a partir de Piaget. (VASCONCELOS, 1996, p. 190).

Segundo a diretora, os conteúdos ministrados em cada série eram prefixados pelo Ministério da Educação, que alegava não ser possível realizar uma prática pedagógica diferente sob pena de não se vencer todo o conteúdo previsto. Assim, o trabalho iniciado no CAp se propunha a “transcender os programas enciclopédicos.” (PACHECO, 1974, p. 19) do governo, pois os professores da cátedra entendiam que os alunos precisavam estar envolvidos no processo de ensino/aprendizagem, para se tornarem ativos na construção do seu conhecimento.

Entre as inovações propostas pelo CAp estavam: o Estudo dos Problemas Brasileiros como disciplina, o ensino de Literatura integrado à Língua Portuguesa, o estudo de Filosofia, o planejamento cooperativo entre professores e a criação do Conselho de Classe³⁰ que, posteriormente, foi amplamente difundido em nível nacional. (PACHECO, 1974). Deste modo, a proposta era que os alunos não ficassem apenas sentados ouvindo as aulas, realizassem pesquisas reflexivas e, “na medida em que tinham acesso às fontes, eles mesmos traziam o material e elaboravam este material. [...] não só eles aprendiam melhor, como também aprendiam mais do que estava previsto nos programas oficiais de ensino.” (PACHECO, 1974, p. 19).

Neste cenário inovador, os docentes do CAp também reelaboraram suas práticas, atuando de modo cooperativo com os demais colegas. O trabalho de um deveria reforçar o trabalho do outro para possibilitar maior crescimento dos alunos. O trabalho em grupo estava, naquele momento, sendo usado nas atividades discentes e docentes, possibilitando espaços de troca entre pares. Um ambiente “rico em vivências e estímulos” (HACKMANN, 2004, p. 120), desenvolvimento da autonomia, valorização das iniciativas, ensino ativo, trabalho coletivo, estímulo à pesquisa na busca da construção do conhecimento formava as bases pedagógicas do colégio.

Além disso, coube à Isolda a introdução do ensino de línguas estrangeiras por níveis no colégio.

Fui eu quem fez todo esse trabalho: estabelecer os níveis para o Francês e para o Inglês (parte metodológica e técnica). Depois nós fizemos o

³⁰ O conselho de classe proposto no CAp se baseava na experiência francesa de reuniões sistemáticas para acompanhamento dos alunos. (PACHECO, 1974). Provavelmente Isolda trouxe a ideia após seu estágio no *Centre de Recherches Pédagogiques de Sèvres*, na França.

mesmo para o Latim e por fim uma nova experiência: Filosofia em níveis, porque alguns alunos traziam muita leitura de casa e outros, coitados, nunca tinham ouvido falar do que nós tratávamos. (HACKMANN, 2004, p. 128).

A interdisciplinaridade já era vista no CAP nos anos 1950, com a integração de trabalhos entre diversas áreas do conhecimento. Ao retornar de um estágio no *Centre de Recherches Pédagogiques de Sèvres*, na França, professora Isolda trouxe a inovadora ideia do Estudo do Meio, que valorizava, de modo interdisciplinar, a integração do aluno com o meio ambiente e assim eram levados a perceber a realidade maior:

as falas espontâneas se não se calavam, ficavam graves, respeitosas, junto aos casebres à margem do riacho Dilúvio. Abriam-se em escalas variadas, ora uníssonas, ora divergentes à beira do Guaíba, aguardando a chegada das canoas de melancias e laranjas. E iam aprendendo a geografia das águas: Pintada, Alemoa, Pavão, São Sebastião. E descobriam a simplicidade, a pobreza digna, o amor ao rio que se viam agora melhores no interesse e na simpatia de crianças tão diferentes [...]. (PAES, 1983, p. 76).

Com isso, a escola pretendia que aqueles alunos, filhos de uma elite intelectual de Porto Alegre, estabelecessem outras relações com a cidade. No CAP, o estudo aprofundado da realidade permeava as atividades educativas e a direção procurava fazer com que os professores mantivessem um “espírito de busca consciente, numa perspectiva científica, cultural e histórica. As coisas não apareciam sem um estudo aprofundado da nossa realidade”. (PAES, 1994, p. 20). Merion Campos Bordas destaca que “a pesquisa não surgiu depois, quando surgiu o Pós-Graduação. Ela era uma derivação natural. Eu comecei a fazer pesquisa quando era professora do Colégio de Aplicação.” (BORDAS; ANDREOLA, 2010, p. 303)

Isolda destaca que o professor precisava ser possuidor de uma “cultura geral abrangente” (HACKMANN, 2004, p. 131), para orientar com segurança o aluno nas descobertas e no estabelecimento de relações entre os assuntos estudados. A figura do professor pesquisador esteve presente nas salas de aula do CAP, incentivada pela direção do colégio.³¹

³¹ O Laboratório de Metodologia, Ensino e Currículo, criado pela direção, juntamente com Léa da Cruz Fagundes, ficou encarregado de realizar pesquisas educacionais, sustentadas pelos referenciais matemáticos, behavioristas e piagetianos. (VASCONCELOS, 1996).

Pode-se dizer que o capital cultural acumulado constituiu o repertório intelectual das professoras Graciema e Isolda, e esse repertório permitiu que ambas tomassem a frente e assumissem o compromisso de empreender e administrar o Colégio de Aplicação. A formação recebida na Escola Complementar, nos cursos de graduação em Filosofia e Letras, as pessoas que lhes marcaram, a formação continuada, as leituras de Piaget, Claparède, Decroly, Anísio Teixeira ... o interesse pela pesquisa em educação, o contexto do escolanovismo, entre outros, as provocaram a constituírem um colégio de fundamentação distinta dos demais em Porto Alegre.

Duas mulheres que viveram a mesma época, com trajetórias semelhantes, em alguns aspectos diferentes. “Dona Graciema” permaneceu por vinte e oito anos na direção do CAp e Isolda por dezoito anos até ser convidada para assumir outra função na Reitoria da Universidade, de onde saiu para a aposentadoria em 1980.

O que pensar sobre as implicações do colégio nas trajetórias de Graciema e Isolda? Por que a primeira permaneceu por tanto tempo nesse lugar? Por que a vice-diretora deixou o colégio em 1972? Pensando em Graciema, talvez o CAp representasse a extensão de sua própria vida, afinal seus estudos, toda sua formação foram direcionados à construção de um tipo de escola laboratório. Para Isolda o CAp representou sua primeira experiência na formação de crianças e adolescentes, experiência essa que lhe trouxe encantamentos. (HACKMANN, 2004). É possível que Isolda não tivesse tanto apego ao Colégio e, em 1972, buscou outras perspectivas profissionais.

Considerações finais

Aqui, procurou-se apresentar alguns fragmentos da história do colégio de Aplicação, suas relações com a Faculdade de Filosofia e com a Faculdade de Educação/Ufrgs, considerando especialmente as narrativas das precursoras do CAp e de outros docentes.

Chegando ao final deste estudo, percebemos o significado da produção dessas histórias, tendo em vista o quanto ainda são desconhecidas de muitas pessoas, especialmente dos mais jovens. Conhecer o trabalho desenvolvido por Graciema Pacheco e Isolda Holmer Paes nos coloca à frente de ideias pedagógicas inovadoras, pensando nos já longínquos anos 1950.

Ao afirmarem “No Colégio de Aplicação perseguimos a excelência” (Pacheco, 1974, p. 19) as duas professoras se afastaram do ensino tradicional, livresco, enciclopédico, característico daquele tempo e apresentaram à sociedade porto-alegrense um outro tipo de escola, marcada por um ensino de vanguarda. No início, uma sala da Faculdade de Filosofia abrigava o colégio, depois duas “Brizoletas” instaladas no *Campus* Central sediaram o CAp, até fins da década de 1960. Na sequência, a Faculdade de Educação e o colégio dividiram o mesmo prédio por vinte e seis anos. Causa um estranhamento o fato de quase não existirem evidências desses quarenta e dois anos de presença do colégio no Campus Central da Ufrgs. Não restaram sinais da passagem daqueles alunos, crianças e adolescentes, que brincavam nos pátios, praticavam esportes nas quadras, corriam em meio as árvores e circulavam pelas dependências de cinco andares do prédio da Faculdade de Educação.

Referências

BASTOS, Maria Helena Câmara; QUADROS, Claudemir de; ESQUISANI, Rosimar Serena Siqueira. Luzes e sombras de um projeto. In: ARAÚJO, Marta Maria de; BRZEZINSKI, Iria. (Org.). *Anísio Teixeira na direção do INEP: programa para a reconstrução da nação brasileira (1952-1964)*. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2006.

BORDAS, Merion Campos; ANDREOLA, Balduino Antonio. Os quarenta anos da Faculdade de Educação da UFRGS. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 35, n. 2, p. 299-320, maio/ago., 2010.

GOMES, William B. *Pesquisa e prática em psicologia no Brasil*. 2003. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/musepsi/ppnb.htm>>. Acesso em: 13 mar. 2013.

HACKMANN, Berenice Gonçalves. Isolda Holmer Paes: a constante aprendiz, a eterna educadora. In: ABRAHÃO, M. H. M.B. (Org.). *Identidade e vida de educadores rio-grandenses: narrativas na primeira pessoa (e em muitas outras)*. Porto Alegre: Edipucrs, 2004. p. 117-142.

HAMELINE, Daniel; PETRAGLIA, Izabel, DIAS, Elaine T. Dalmas (Org.). *Édouard Claparède*. (Coleção Educadores) Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. Disponível em: <<http://ayrtonbecalle.files.wordpress.com/2012/05/c3a9douard-claparc3a8de.pdf>>. Acesso em: 25 out. 2013

NEVES, Lucilia de Almeida. Memória, história e sujeito: substrato da identidade. *Revista da Associação Brasileira de História Oral*, n. 3, p. 109-116, jun. 2000.

LOUREIRO, Carla Cristiane. *Os Colégios de Aplicação e a implantação do Ensino Fundamental de nove anos*. 2009. Disponível em http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2010/Educacao_e_Infancia/Trabalho/02_38_18_os_colegios_de_aplicacao_e_a_implantacao_do_ensino_fundamental_de_nove_anos.pdf. Acesso em: 21 jan. 2014.

NOVOA, Antonio. Apresentação da Coleção Histórias e Memórias da Educação no BRasil. In: STEPHANOU, Maria e BASTOS, Maria Helena (orgs.). *Histórias e Memórias da educação no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2005

PACHECO, Graciema. No Colégio de Aplicação perseguimos a excelência. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 5 maio de 1974.

PAES, Isolda Holmer. Depoimento da professora Isolda Paes: mensagem a professores e alunos. *Cadernos do Aplicação*. Porto Alegre, v. 7, n. 1, p. 17-20, jan./jun. 1994.

_____. Colégio de Aplicação: naqueles primeiros dias... *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 8, n. 1, p. 75-81, jan./abr. 1983.

PAES, Isolda Holmer. Colégio de Aplicação: naqueles primeiros dias... In: *Educação & realidade*. Porto Alegre Vol. 8, n. 1 (jan./abr. 1983), p. 75-81

PAES, Isolda Holmer. Depoimento da professora Isolda Paes: mensagem a professores e alunos. In: *Cadernos do Aplicação*. Porto Alegre Vol. 7, n. 1 (jan./jun. 1994), p. 17-20

PRINS, Gwyn. História Oral. In: BURKE, Peter (org.) *A Escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo, Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992, p. 163 - 198.

QUADROS, Claudemir de. *As brizoletas cobrindo o Rio Grande: a educação pública no Rio Grande do Sul durante o governo de Leonel Brizola (1959-1963)*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2003.

_____. *Reforma, ciência e profissionalização da educação: o Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2006

REGNER, Anna Carolina Krebs Pereira. IFCH: Origens e trajetórias. Da criação da Faculdade de Filosofia à década da Reforma Universitária. *50 anos da Faculdade de Filosofia: publicação comemorativa*. Porto Alegre: Ufrgs, 1993. 133 p.

SILVA, Gescielly Barbosa da; SCHELBAUER, Analete Regina. Lourenço Filho e A Alfabetização: Os testes ABC e a reforma do Sistema Educacional no Estado do Ceará. *Revista HISTEDBR on-line*. Campinas, n. 25, mar. 2007. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/25/rev25.html>. Acesso em: 15 mar. 2013.

SQUINSANI, Rosimar Siqueira. Anísio Teixeira: traços biográficos e uma entrevista com Isolda Holmer Paes. *Espaço Pedagógico*, Passo Fundo, v. 7, n. 2, p. 87-99, dez. 2000.

TRINDADE, Iole Maria Faviero. A Produção de Identidades Alfabetizandas Sul-Rio-Grandenses na Intersecção de Influências Europeias e Latino-Americanas. *Revista Educação PUCRS*, Porto Alegre, v. 53, n. 2, p. 303-318, 2004. Disponível em <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/384>>. Acesso em: 19 jan. 2014.

VASCONCELOS, Mario Sergio. *A difusão das idéias de Piaget no Brasil*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

Submetido em 18 de junho de 2014.
Aprovado em 30 de setembro de 2014.